

Artigo

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA

THE COGNITIVE-FUNCTIONAL APPROACH TO CONFORMITY IN PORTUGUESE: AN ANALYSIS OF THE CONNECTOR CONSTRUCTION QUE NEM AS A PAIRING OF FORM AND CONFORMATIVE FUNCTION

Caio Aguiar Vieira¹ 0000-0003-4054-7791

¹Instituto Federal da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil - caioaguiar78@gmail.com

Resumo:

Com base na concepção de língua adotada pela Gramática de Construções (Croft, 2001) e na perspectiva construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), objetivamos, neste artigo, analisar as construções conformativas encabeçadas pela construção conectora que nem. Como recurso metodológico, utilizamos os dados de fala dos Corpora Popular e Culto de Vitória da Conquista, além de empregarmos o método misto (Cunha Lacerda, 2016) e sincrônico para a análise dos dados. Os resultados deste trabalho mostraram que o subesquema conformativo, instanciado pelo que nem, gera duas microconstruções, sendo a primeira modal correlacional e a outra, com forma-função de resgate de informação, mais produtiva em termos de frequência type e token. Além disso, em ambos os pareamentos, foi possível analisar que ocorreu o fenômeno de desgarramento nos termos de Decat (1999), uma vez que, nos dados analisados, houve um menor grau de dependência semântica e sintática das estruturas geridas pela construção em questão.

Palavras-chave: gramática de construções; conformidade; que nem; construcionalização; desgarramento.

Abstract

Based on the language conception adopted by Construction Grammar (CROFT, 2001) and the constructional perspective of change (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), this article aims to analyze the conformative constructions headed by the connecting construction 'que nem' ('like'). Methodologically, we employ speech data from the Popular and Cultivated Corpora of Vitória da Conquista, alongside the mixed method (CUNHA LACERDA, 2016) and synchronous analysis of the data. The outcomes of this study demonstrate that the conformative sub-schema instantiated by 'que nem' generates two micro-constructions: the first being a modal correlational construction, and the other,

functioning as information retrieval, more productive in terms of both type and token frequency. Additionally, in both pairings, it was observed that the phenomenon of 'desgarramento' (DECAT, 1999) occurred, as in the analyzed data, there was a lower degree of semantic and syntactic dependency within the structures governed by the aforementioned construction.

Keywords: construction grammar; conformity; *que nem*; constructionalization; 'desgarramento' (detachment).

Introdução

As construções de conformidade são utilizadas de várias formas na língua portuguesa. De acordo com Rosário e Pinto (2018), além do tradicional arranjo oração principal + oração conformativa, há outros, tanto no plano oracional quanto no não oracional. Neste artigo, de forma particular, objetivamos analisar como são estruturadas as construções conformativas encabeçadas pela construção *que nem*, como pode ser visto nos exemplos (1) e (2) a seguir:

(1) *Já tentei entrar em contato com alguém do atendimento do Aliexpress e não tive nenhuma resposta pois não sai do atendimento do robô e **que nem eu falei** já segui todos os passos certinho já fiz a devolução do produto tudo certinho mais ainda não recebi meu reembolso então até que meu problema seja sanado irei manter minha reclamação em aberto pois não posso ficar no prejuízo certo.* (RECLAME AQUI, 2021).¹

(2) *É **que nem eu disse** no café da manhã com os jornalistas: O país não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay. Mas quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade.* (SINDAE, 2021).²

No exemplo (1), retirado do site “Reclame Aqui”, o usuário faz uma reclamação sobre um produto comprado na empresa AliExpress. Para argumentar e trazer informações já citadas por ele durante outra reclamação, ele utiliza a construção *que nem* com uma interpretação conformativa.

¹ Trecho extraído do site: https://www.reclameaqui.com.br/aliexpress/compra-de-placa-de-video-falsificada_MIDQZHVqcBFA2PHb/

² Trecho extraído do site: <http://www.sindae-ba.org.br/Noticia/1846/Diario-do-Bolso-censura-a-propaganda-do-Banco-do-Brasil-e-o-novo-comercial>

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

De maneira análoga ao excerto (1), o excerto (2), retirado do site de um sindicato com ideologia de extrema direita, é possível perceber que o sujeito utiliza a estrutura de conformidade, encabeçada pelo *que nem*, também com a finalidade de retomar algo já citado por ele, pela manhã, com os jornalistas.

No que diz respeito à análise empreendida por meio de dados de fala, evidenciamos, em outros trabalhos (Vieira; Sousa, 2019a; Vieira; Sousa, 2019b; Vieira; Sousa, 2020), como a referida construção atua com funções comparativas, exemplificativas e, também, como marcador discursivo.

Neste recorte, fruto do nosso trabalho a nível de mestrado (Vieira, 2020), trazemos, de maneira específica, o uso do *que nem* como forma de instanciar estruturas conformativas, tomando como base os *corpora* de fala. Para realizarmos tal investigação, utilizamos os conceitos mobilizados pela perspectiva construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2018), em virtude de essa linha teórica considerar a língua como uma rede interconectada de construções, formadas por pares de forma e de sentido, nos termos de Goldberg (1995), Croft (2001), entre outros, com níveis distintos de vinculação entre suas subpartes.

Em termos metodológicos, além de um recorte sincrônico³, empregamos o método misto (Cunha Lacerda, 2016), utilizando, como *corpora*, dados do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista, por sustentarmos a ideia de que seja imprescindível trabalharmos com dados reais de interlocução, uma vez que estamos analisando elementos gramaticais a partir de uma teoria centrada no uso.

A fim de darmos conta do objetivo deste trabalho, distribuimos este artigo em 6 seções. Na primeira, fazemos um breve resumo das estruturas conformativas, tanto pelo viés da tradição gramatical, quanto pelo olhar da tradição linguística. Na segunda seção, mobilizamos os conceitos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso (também conhecida como Linguística Cognitivo-Funcional), mostrando, também, o conceito de

³ Como veremos adiante, os estudos sobre mudanças construcionais e construcionalização gramatical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), levam em conta uma investigação diacrônica, uma vez que se buscam os micropassos da mudança linguística. No entanto, neste trabalho, defendemos que é possível realizar uma pesquisa construcional com recorte sincrônico. Tal postura vai ao encontro do que defendem Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p. 168), pois, para as autoras, é plausível realizar esse recorte de análise, uma vez que, por via sincrônica, podemos “[...] observar a extensibilidade de padrões a partir da perspectiva da analogização, sem necessariamente negarmos a mudança linguística em micropassos – isto é, do ponto de vista de uma sucessão de neanálises.”

construção e as relações hierárquicas que as construções possuem. Na terceira seção, evidenciamos os procedimentos metodológicos utilizados na análise de dados. Na penúltima seção, analisamos os dados a partir da mudança construcional (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013), levando em consideração aspectos qualitativos e quantitativos. Por fim, na última parte do trabalho, mostramos as considerações finais, seguidas das referências.

As características das construções conformativas: uma visão normativa e linguística

Nesta seção, apresentamos uma breve revisão sobre as características formais e funcionais de estruturas encabeçadas por construções conformativas na Língua Portuguesa.

Construções conformativas sob a ótica da Tradição Gramatical (TG)

As gramáticas normativas, como é o caso de Cunha e Cintra (1985), distinguem as orações proporcionais e conformativas. Formalmente, segundo eles, as orações proporcionais são iniciadas por uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado da oração principal. As orações conformativas, propriamente ditas, segundo os gramáticos, iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento presente na oração principal. Além disso, nos dois casos, a segunda oração é iniciada com o uso de conjunções *conforme*, *como* (com características de conformidade), *segundo*, *consoante* etc. Observemos os exemplos apresentados em Cunha e Cintra (1985, p. 575):

(a) O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproxima-se ou perdia-se ao longe.

(b) **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.

Nos exemplos (a) e (b), vistos em Cunha e Cintra (1985), percebemos que, formalmente, temos as orações iniciadas por conjunções específicas para a conformidade. Semanticamente, observamos que a oração sempre articula com uma ideia anteriormente citada mostrando a relação de conformidade.

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

Na mesma perspectiva tradicional, Bechara (2009) elenca essas orações em subordinadas adverbiais conformativas e, ainda, afirma que elas apresentam estrutura de conformidade quando iniciam a oração que exprime um fato em conformidade com outra expressão da oração principal. O autor elenca as conjunções: *como*, *conforme*, *segundo* e *consoante*. Vejamos os exemplos:

- (a) Tranquilei-a [sic] **como** pude (Bechara, 2009, p. 327).
- (b) Fez os exercícios **conforme** o professor determinou (Bechara, 2009, p. 327).

Nos exemplos (a) e (b), extraídos da gramática de Bechara (2009), notamos a relação de conformidade subordinada à oração matriz (*tranquilei-a* e *fez os exercícios*) e à oração conformativa (*como pude* e *conforme o professor determinou*). Assim como Cunha e Cintra (1985), Bechara (2009) afirma que esse tipo de oração tem, como característica, conjunções que trazem a ideia de conformidade, fazendo a ligação do pensamento da frase anteriormente citada. Analisadas as construções conformativas pelo prisma da TG, passemos, agora, na próxima subseção, para a análise desse tipo de estrutura a partir da Tradição Linguística (TL)

Construções conformativas sob a ótica da Tradição Linguística (TL)

Recorrendo à TL, vimos que vários linguistas, seja em gramáticas descritivas e em trabalhos acadêmicos, versam sobre as estruturas de conformidade em língua portuguesa. Neves (2011), por exemplo, afirmou que as construções conformativas são expressas por um período composto e são constituídas pelo conjunto de uma oração nuclear e seguidas de outra oração iniciadas por uma conjunção conformativa. Lima-Hernandes (2011), por sua vez, analisou o deslizamento de sentido de *tipo*, *feito*, *como* e *igual* e, nessa pesquisa, constatou que todas essas palavras possuem valores comparativos e, também, valores de conformidade.

Ainda sobre a similaridade dessas construções com as comparativas, é possível percebermos que, para haver a conformidade, é necessária a justaposição de dois elementos, uma vez que, para a existência desse tipo de construção, o falante precisa assimilar duas atividades ou eventos, para, depois, realizar a conformidade. Assim, uma ou mais características precisam, necessariamente, ser aproximadas e, com isso, obtêm-

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

se o valor de “[...] igualdade, de desigualdade ou mesmo de conformidade [...]” (Lima-Hernandes, 2011, p. 115).

Silva (2007), ao citar Barreto (1999), ressalta que há semelhança entre as estruturas modais e as conformativas, pois a relação de conformidade se refere a algo ou algum fato que impulsiona a realização de outro fato. Desse modo, segundo Silva (2007), há uma conformidade entre o pensamento expresso na oração subordinada e expresso pella oração principal.

Sé e Pezzati (2014), em uma análise da subordinação a partir da Gramática Discursivo-Funcional, evidenciam que construções do tipo “como eu estava dizendo” contribui para o avanço do discurso na medida em que mostra a preocupação do falante em resgatar, para seu interlocutor, uma informação estocada em sua memória. De acordo com as autoras, do ponto de vista sintático, não há um elo de dependência morfossintática com as construções posteriores e anteriores. É possível notarmos, dessa forma, que essas estruturas iniciadas pelo *como* funcionam, na verdade, como inserções, isto é, cortes sintáticos entre porções textuais materializadas no discurso e não representam, como salientam Sé e Pezzati (2014), um caso de coordenação. Além disso, esses tipos de estrutura são encabeçados por verbos *dicendi*, antecidos pelo conectivo *como*.

Outra questão que merece destaque é que algumas estruturas de conformidade, assim como advoga Decat (2011), podem tornar-se desgarradas, uma vez que há um menor grau de dependência, formando uma *unidade de informação* à parte. A esse respeito, Decat (1999) sinaliza que:

[...] a noção de ‘unidade de informação’ está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas ‘desgarram-se’ porque constituem unidades de informação à parte, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva (Decat, 1999, p. 17).

Como vemos, algumas estruturas tornam-se desgarradas, gerando, conseqüentemente, menor grau de dependência semântica e sintática. Sob esse viés, é previsível que estruturas geridas pelo *que nem* se tornem menos dependentes, uma vez que a intenção do falante é resgatar uma informação para seu interlocutor construindo uma unidade de informação, assim como veremos na seção de análise deste artigo.

Por fim, já revisadas as principais características da conformidade, passemos para a teoria que mobiliza nossas análises.

A linguística funcional centrada no uso e sua relação com a gramática de construções (gc)

Nesta parte do trabalho, apresentamos o conceito de língua adotado pela Linguística Cognitivo-Funcional, também conhecida como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e sua recente aproximação com os estudos da Linguística Cognitiva, mais precisamente a compreensão de que a língua é formada por um inventário de construções interconectadas. Vejamos, a seguir, esses conceitos.

O conceito de língua adotada pela LFCU

A língua, em uma visão funcionalista, não é analisada, somente, como um elemento estrutural. Para além disso, a concepção de língua adotada pelos estudos funcionais parte do princípio de que o fenômeno linguístico e a conseqüente mudança linguística são frutos de um emaranhado de representações cognitivas que surgem a partir da necessidade (inter)subjativa⁴ do falante originadas da interação. Dessa forma, os interlocutores são considerados como elementos ativos no processo comunicativo.

De acordo com Oliveira (2015), para a corrente teórica funcional, que mobiliza as análises deste trabalho, a língua é considerada um sistema em que há relações com as

⁴ Segundo Traugott e Dasher (2005), a (inter)subjatividade compreende a atenção do locutor em relação ao seu interlocutor – em virtude de o interlocutor ser tomado como sujeito ativo na interação. Assim, essas estratégias (inter)subjativas são materializadas no plano gramatical levando à mudança semântica, sendo este um mecanismo frutífero para a mudança linguística, pois devido às necessidades de interação, os falantes criam novas construções a fim de serem mais expressivos.

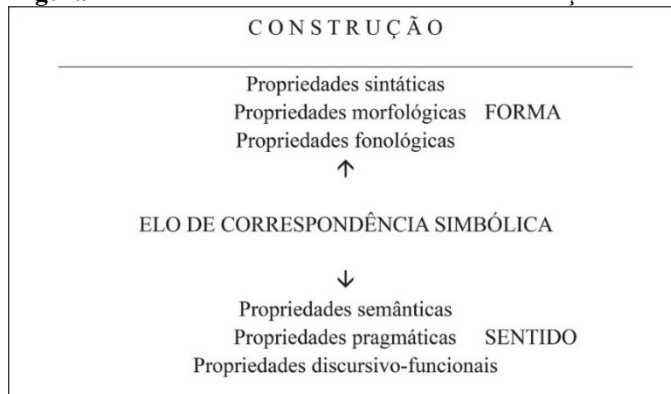
A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

instâncias cognitivas e sócio-históricas. A gramática, nesse sentido, não é vista como acabada, mas como emergente (Hopper, 1991), uma vez que ela é fruto das necessidades comunicativas dos falantes que a usam. Portanto, diferentemente dos estudos estruturalistas, o fenômeno linguístico é visto como um mosaico de representações cognitivas e sociais em que os falantes, devido às suas necessidades interativas, moldam o discurso e, conseqüentemente, a gramática de uma dada língua.

Recentemente, foi integrada, na agenda dos estudos funcionalistas no Brasil, a profícua relação dos estudos funcionalistas – de origem norte-americana – com os estudos da Linguística Cognitiva. Tal relação é conhecida como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), utilizando, como base, as investigações pautadas nos estudos da Gramática de Construções (GC) nos moldes de Goldberg (1995), Croft (2001) e Croft e Cruze (2004). Para a GC, a gramática de uma língua é formada por um inventário de construções interconectadas em que cada uma delas possui forma e sentido.

Conforme já mencionamos, as construções são concebidas a partir de dois polos: o da forma e o do sentido. Tal representação pode ser vista de forma mais acurada a partir da Figura 1 a seguir:

Figura 1- Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Como é possível observar na Figura 1, a língua possui tanto forma, quanto sentido⁵. No polo da forma, temos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas

⁵ Na literatura da LFCU, é possível observar que grande parte dos autores (Cf. Furtado Da Cunha; Silva; Bispo, 2016) utilizam o termo “função” para designar o polo do “sentido”. Portanto, a partir de agora, rotularemos esse polo como “função”, justamente por esse termo, a nosso ver, ser mais coerente com uma concepção funcionalista da língua(gem).

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

de uma dada construção. No polo da função, verificamos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Para uma análise construcional da língua(gem), o pesquisador deve dar conta desses dois polos levando em considerações dados empiricamente atestados.

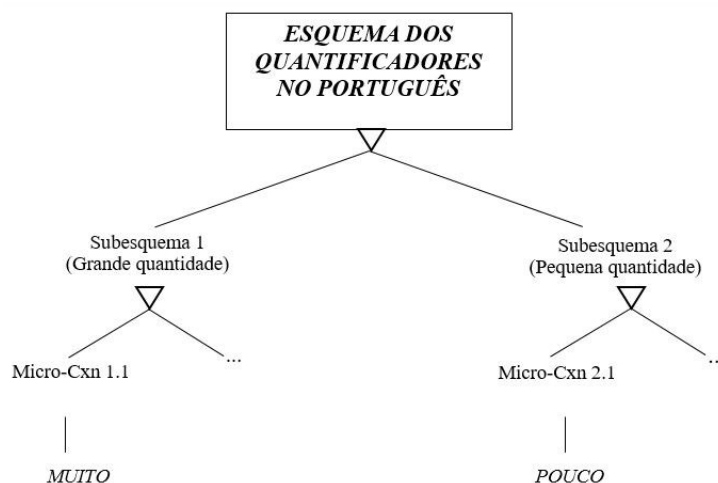
Mais recentemente, Traugott e Trousdale (2013) colaboram para as análises construcionais refinando o conceito de construção. De acordo com eles, as construções são *unidades simbólicas convencionais*, uma vez que elas são (i) *unidades*, pois alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos ou tão frequentes que estão entrincheirados como um pareamento de forma-função na mente do falante; (ii) *simbólicas*, pois são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e função; (iii) *convencionais*, porque são compartilhadas entre grupos de falantes.

A mudança linguística, nessa perspectiva, é vista a partir das mudanças construcionais e da construcionalização. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as mudanças construcionais dizem respeito às mudanças que afetam, somente, o polo da forma ou da função e não criam um novo nó/signo na rede linguística. Já a construcionalização cria um novo nó/signo, em que há alterações tanto na forma, quanto na função. Ademais, para aferir os aspectos da mudança linguística, os autores afirmam que é preciso analisar, em uma dada construção, fatores de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, conforme conceituamos a seguir:

Esquematicidade diz respeito às generalizações taxonômicas que evidenciam a abstratização de construções linguísticas na mente do falante. Os falantes, nesse sentido, não têm conhecimento de somente um elemento linguístico específico, mas sim de esquemas mais abstratos e virtuais. A fim de exemplificarmos tal definição, trazemos, a partir da Figura 2, o exemplo de rede construcional feita por Traugott e Trousdale (2013). Vejamos:

Figura 2 - Rede construcional dos quantificadores no Português

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17) – Adaptado pelos pesquisadores.

É possível verificarmos, na Figura 2, o grau de esquematicidade dos quantificadores e suas relações com outras construções. De um lado, temos a microconstrução *MUITO*, que pertence, por sua vez, ao subesquema dos de *grande quantidade*. Do outro lado, percebemos que a microconstrução *POUCO* instancia um subesquema mais específico, os quantificadores de *pequena quantidade*, que, por fim, juntamente ao subesquema *grande quantidade*, sancionam o esquema ainda mais geral e abstrato: os quantificadores no Português.

A *Composicionalidade*, por sua vez, diz respeito à relação de transparência entre a forma e a função. Em uma estrutura de *Sujeito – Verbo – Objeto*, a exemplo de *João tomou a vacina*, concebemos esse esquema com um alto nível de composicionalidade, pois o significado do todo é recuperado pela soma dos significados das partes. Em outra direção, temos construções menos composicionais que se destacam pelo alto grau de entrincheiramento, a exemplo da expressão idiomática “Mesmo após a pandemia, os brasileiros não *deixaram a peteca cair*”. Na expressão em destaque, muito comum no Português Brasileiro, o falante não indica que os brasileiros, de fato, deixaram a peteca cair, mas sim que eles conseguiram resolver uma questão mesmo diante de uma pandemia. O significado do todo, portanto, não corresponde à soma das partes. Esse menor grau de composicionalidade vai ao encontro do que Bybee (2010) designa como *chunking*. De acordo com a linguista, dentre os vários processos cognitivos de domínio geral, o *chunking* diz respeito à união de um conjunto de construções que são agrupadas

na memória do indivíduo e fundidos em uma só unidade. Desse modo, as sequências de unidades repetidas são agrupadas juntas para serem acessadas como uma unidade simples.

A *Produtividade*, que relaciona-se à emergência de novos pareamentos de forma-função, ou seja, esse fator diz respeito à potencialidade de esquemas mais gerais sancionarem construções menos esquemáticas, assim como é discutido na esquematicidade. Bybee (2003), a esse respeito, distingue a produtividade em dois tipos de frequência: a *type* e a *token*. Segundo a linguista, a frequência *type* diz respeito ao número de diferentes expressões que um padrão/categorização apresenta. A frequência *token*, por sua vez, faz referência à frequência da ocorrência. Assim, quando uma microconstrução é criada pela comunidade linguística, há um aumento gradual da sua frequência de uso, o que caracteriza, frequentemente, a sua maior produtividade, tornando-a rotinizada e, conseqüentemente, automatizada na língua.

Como vimos no decorrer desta seção, para a LFCU, a mudança linguística, do ponto de vista diacrônico, acontece por meio de mudanças construcionais ou de construcionalização que, por conta de fatores de ordem (inter)subjativa, social e cognitiva, os falantes, em uma determinada comunidade de fala, criam uma nova construção na rede linguística. Por fim, explicado esses conceitos, passemos para a próxima parte do trabalho, momento em que evidenciaremos os recursos metodológicos utilizamos por nós neste artigo.

A metodologia empregada para a análise de dados

Nesta seção, evidenciamos os mecanismos metodológicos empregados para a extração, tratamento e análise dos dados.

O método misto para a análise construcional da mudança

Partindo do pressuposto de que a construcionalização gramatical pode ser analisada a partir de uma perspectiva sincrônica, com foco em mecanismos cognitivos, a exemplo da analogização, conforme defendem Dall'Orto e Cunha Lacerda (2019),

utilizamos o método misto⁶ para a análise dos dados. Ademais, considerando a tipologia da pesquisa, adotamos uma abordagem eminentemente qualitativo-explicativa com suporte quantitativo-descritivo (Lakatos; Marconi, 2010).

Além disso, aliado a uma perspectiva sincrônica, verificamos os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013), bem como os critérios de frequência *type* e *token* (Bybee, 2003), conceitos esses já visitados na seção de arcabouço teórico.

Os dados de fala, de caráter dialogal, foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpora* PPVC e PCVC, organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq. Esses dois *corpora* fazem parte do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552 e conta, como responsável, a Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista.

Dito isso, veremos, na seção seguinte, na análise dos dados, como as inovações que emergem no fluxo da interação estão, de fato, se ritualizando na língua como construções empiricamente atestáveis.

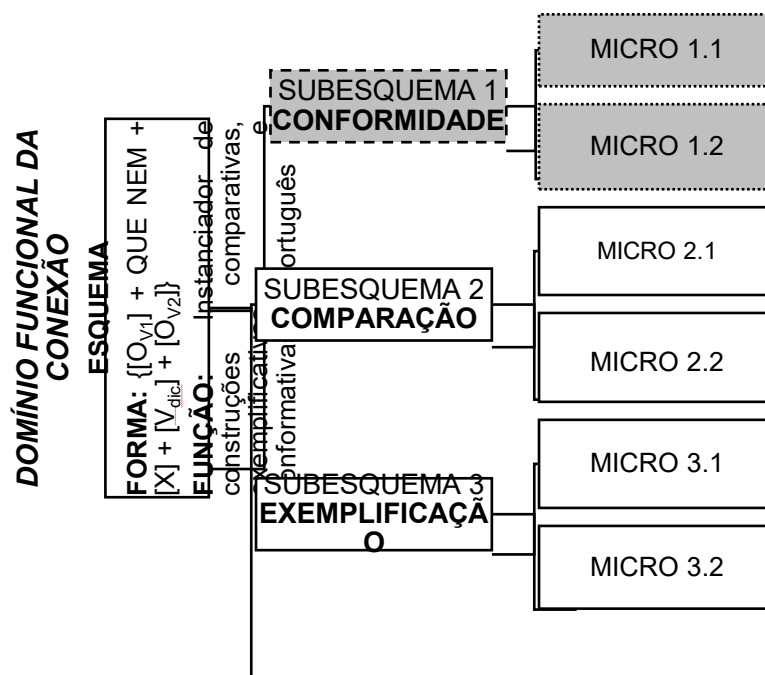
Análise dos dados

Vieira (2020), em seu trabalho sobre o *que nem*, evidenciou que a referida construção atua em 3 (três) diferentes pareamentos de forma e de função, a saber: conformidade, comparação e exemplificação como pode ser visualizado na Figura 3 a seguir:

Figura 3 - Proposta de rede construcional do *que nem* em perspectiva sincrônica

⁶ De acordo com Cunha Lacerda (2016), o método misto, numa perspectiva construcional, coaduna a abordagem quantitativa e a qualitativa.

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
 UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
 DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
 Caio Aguiar Vieira



Fonte: Vieira (2020, p. 104).

Como podemos observar a partir da Figura 3, há três pareamentos instanciados pelo conector *que nem*. Partindo dessa lógica, nesta seção, objetivamos evidenciar de maneira mais acurada como o pareamento conformativo atua em dados de fala de caráter dialogal, a partir, como já dissemos, do método misto. Examinaremos as análises na subseção a seguir.

Os usos da construção conformativa encabeçadas pelo conector *que nem*

O pareamento conformativo, encabeçados pelo conector *que nem*, tem a configuração {[O_{V1}] + QUE NEM + [SN] + [V_{dic}] + [O_{V2}]}^{conf7} que sanciona, também, duas microconstruções (1.1 e 1.2, respectivamente). Essa construção é realizada por meio de formas e funções conformativas. Nos exemplos (3) e (4), vemos como se manifesta esse pareamento:

⁷ É importante trazermos o significado de cada uma dessas iniciais: O (oração); SN (sintagma nominal); Vdic (verbo *dicendi*); confor (conformidade).

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

(3) **DOC:** *O que o senhor acha do prefeito?*

INF: *prefeit' foi bom, esses tempo de mandato dele... os primeiros mandato ele foi um prefeito bom, já ness... segundo... nesse último agora ele num tá bom não?*

DOC: *E... por que?*

INF: *Poque num [ta fazem as coisa **que nem** ele deveria]. Nesses cant de rua aí só... só tem esgoto a céu aberto, e água corren na rua e o povo quexan e nada, ele num faz nada. (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

(4) **DOC:** *É assim... os brinquedos de antes não eram tão... modernos como os de agora...*

INF: *Não, não eram.*

DOC: *...que eu tava tentando dizer.*

INF: *Não era. Era diferente, né, **que nem** eu falei [...] (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

No trecho (3), o documentador pergunta sobre a administração do prefeito para o informante. O entrevistado, por sua vez, afirma que, no segundo mandato, o prefeito não foi tão bom quanto no primeiro. Ao ser questionado do porquê dessa afirmação, o informante responde que o prefeito não fez aquilo que um gestor deveria fazer. Temos, à vista disso, na microconstrução 1.1, em uma perspectiva formal, a correlação da construção *que nem*, em duas orações com núcleos verbais distintos, que podem ser apresentados pelo esquema $\{[O_{V1} + \text{QUE NEM} + O_{V2}]\}^{\text{confor}}$. A partir do exemplo (3), vemos que a primeira oração é encabeçada verbalmente por *fazer* e a segunda, por seu turno, é gerida pelo verbo *deveria*.

O exemplo (4) é marcado pelo seu caráter formal-funcional $\{[\text{QUE NEM} + [\text{SN} + V_{\text{dic}}]]\}^{\text{confor}}$. Na microconstrução 1.2, podemos observar a utilização do *chunk que nem*, um sintagma nominal (*eu*) e um verbo de *dicendi* (*falei*). É possível, ainda, que o SN não apareça, a exemplo de *que nem disse*, *que nem comentei*, evidenciando, portanto, que a microconstrução 11, nos termos de Traugott e Trausdale (2013), é parcialmente esquemática. Notamos, nesse pareamento, uma preocupação do falante em retomar o que foi dito no início da entrevista, mostrando um grau maior de (inter)subjetividade, pois, além de ser empregada com uma função interacional, essa construção resgata a informação para confirmar seu ponto vista e suas crenças acerca do que foi dito anteriormente.

O total de *tokens* do subesquema 1 (conformativo) pode ser visualizado na Tabela 1, a seguir:

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

Tabela 1- Frequência *token* do *que nem* no Subesquema Conformativo

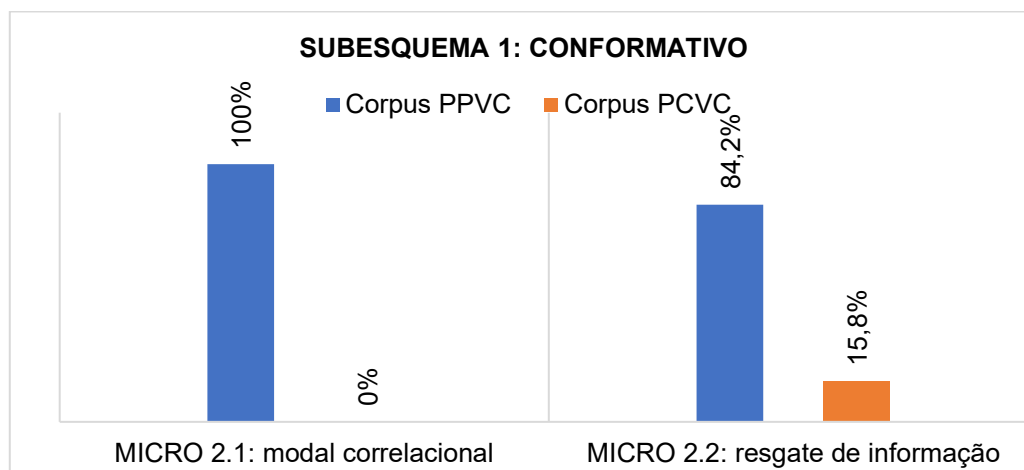
SUBESQUEMA 1: CONFORMATIVO	<i>Corpus</i> PPVC	<i>Corpus</i> PCVC	TOTAL
MICRO 1.1: modal correlacional	2/100%	0/0%	2
MICRO 1.2: resgate de informação	16/84,2%	3/15,8%	19

Fonte: Autoria própria.

Como é possível observar na Tabela 1, apesar de a quantidade de dados ser incipiente, julgamos relevante trazê-los no recorte deste artigo, a fim analisar como se manifesta tal uso nos *corpora* investigados. Como vemos, a microconstrução 1.1, do subesquema conformativo, teve um total de 2 (duas) ocorrências no *Corpus* PPVC e, no *Corpus* PCVC, não houve nenhuma realização dessa categoria. Já a microconstrução 1.2 foi mais produtiva, sobretudo, no *Corpus* PPVC, com um total de 19 (dezenove) *tokens*, sendo 16 (dezesesseis) no *Corpus* PPVC em relação ao *corpus* PCVC com 3 (três) *tokens*. Apresentamos, a seguir, no Gráfico 1, os dados percentuais do *que nem* no pareamento Conformativo:

Gráfico 1: Percentuais do *que nem* no subesquema conformativo

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira



Fonte: Autoria própria.

Verificamos que a microconstrução mais recorrente do subesquema conformativo seria o de Resgate de Informação (microconstrução 1.2). Isso se justifica, pois: (i) como vimos no estudo de Sé e Pezzati (2014), as estruturas conformativas iniciadas por *como*, em uma perspectiva Discursivo-Funcional, funcionam como resgate de informação na maioria dos dados orais analisados pelas autoras; (ii) por estarmos trabalhando dados de entrevistas, seria plausível afirmar que os informantes, com o intuito de resgatar uma informação anteriormente citada, fazem uso do *que nem* com forma-função conformativa, principalmente pela preocupação do informante em ratificar seu ponto de vista com argumentos previamente mencionados por ele durante a interlocução com o documentador, realizando, assim, um resgate da informação.

A partir dos dados da Tabela 1 e do Gráfico 1, podemos verificar que nossa hipótese foi ratificada, uma vez que os falantes do *Corpus* PPVC utilizam a microconstrução 1.1 Modal Correlacional de forma pouco significativa representado por 2 (duas) ocorrências, ao passo que, no *Corpus* PCVC, esse pareamento não foi realizado nenhuma vez. Nesse sentido, é válido lembrarmos que as estruturas Conformativas Correlacionais, assim como sinalizadas por Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009), caracterizam-se por serem orações iniciadas por uma subordinada em que se menciona um fato realizado com uma oração principal, ou seja, são orações dependentes sintaticamente de uma oração matriz. A baixa ocorrência (ou quase nenhuma) desse tipo de estrutura em nossos dados sinaliza que as estruturas iniciadas pelo *que nem* se

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

constituem como unidades de informação à parte, desgarrando-se, assim como defendido por Decat (1999; 2011).

Sob esse viés, é possível observarmos, por meio da Tabela 1 e dos dados percentuais do Gráfico 4, que as construções desgarradas encabeçadas pelo *que nem* foram mais produtivas, tendo em vista que houve 19 (dezenove) *tokens* desse tipo de estrutura, representando 84,2% no *Corpus* do PPVC e 15,8% no *Corpus* PCVC. Assim, devido à necessidade de resgatar uma informação estocada na memória do interlocutor, o falante utiliza construções conformativas, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento da sua explanação, evidenciando, do ponto de vista formal, uma menor dependência oracional, e, do ponto de vista funcional, um alto nível de (inter)subjetividade.

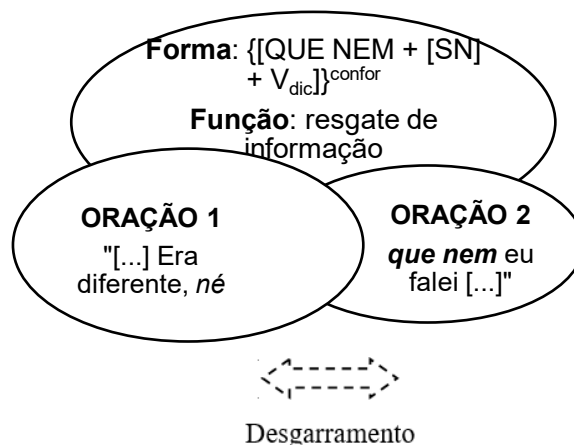
Além disso, notamos uma maior dependência pragmática-discursiva nesse pareamento, assim como sinalizado por Decat (1999), uma vez que a informação retomada, porventura, pode estar no início da interlocução ou, dependendo do grau de proximidade entre o documentador e entrevistado, pode, inclusive, não estar materializada discursivamente nas entrevistas, pois o documentador, por ser uma pessoa próxima ao informante, já possui um conhecimento prévio acerca do assunto tratado na entrevista e, a partir dessa crença, o entrevistado utiliza a microconstrução com esse propósito.

Por conseguinte, analisando os dados por meio da competição pelo uso no nível do *token*, notamos que a nossa hipótese inicial foi ratificada, uma vez que a microconstrução 1.2, como ilustrada na Figura 4 a seguir, foi a mais significativa e, ainda, categórica em nossos *corpora*, embora o número de frequência *token* tenha sido baixa:

Figura 4: Microconstrução *que nem* como uma estrutura desgarrada

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA

Caio Aguiar Vieira



Fonte: Autoria própria.

Vemos, na Figura 4, que houve um desgarramento em que o segundo trecho, governado pelo *que nem* se mostra como uma unidade de formação à parte, assim como discutimos anteriormente nesta subseção. Isso posto, passemos as considerações finais deste trabalho.

Considerações finais

O objetivo inicial do nosso trabalho foi analisar como são estruturadas as construções conformativas encabeçadas pela construção *que nem* na língua portuguesa. A partir do que foi visto no decorrer deste estudo, pudemos verificar como as construções conformativas, instanciadas pela construção *que nem*, atuam em dados orais e, para isso, utilizamos os dados de fala dos corpora PPVC e PCVC, aliado ao método misto e sincrônico. Vimos, neste recorte, que as construções em questão operam a partir de estruturas modais correlacionais e, também, para o resgate da informação, sendo essa mais utilizada pelos informantes. Nos dois casos, foi possível analisar que houve o fenômeno de desgarramento, nos termos de Decat (1999).

É importante deixar cristalino que a pesquisa, ora apresentada, não tem o objetivo de esgotar o assunto, uma vez que é de suma importância outras pesquisas que lidem com este fenômeno instigante: a da conformidade. Além disso, reiteramos a importância dos estudos pautados na defesa de que a gramática é governada por processos cognitivos

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

gerais e, ademais, formada/constituída por construções interconectadas formando, assim, uma rede hierárquica.

Por fim, com base neste artigo, propusemos mostrar como, recentemente, a relação do Funcionalismo com a Gramática de Construções, conhecido como LFCU, contribui para o fenômeno da variação e da mudança linguística.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009 [1975].
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 1, 2016. p. 83-101.
- DALL'ORTO, L. F. M.; CUNHA LACERDA, P. F. A. C. Construcionalização gramatical sincrônica: evidências a partir da análise de construções avaliativas com “super” e “mega” na língua portuguesa. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 37, p. 179-203, jan. 2019.
- DECAT, M. B. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.
- DECAT, M. B. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta** (Linguística e Filologia), Belo Horizonte: PUC Minas, v.2, n. 4, p. 23-38, 1º sem. 1999.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016.

- GOLDBERG, A. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**: Técnicas de pesquisa. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- LIMA-HERNANDES, M. C. **Indivíduo, sociedade e língua**: cara, tipo assim, fala sério! São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definições e fatores de análise. OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 22-35.
- ROSÁRIO, I. C.; PINTO, M. P. Orações conformativas em foco: uma análise centrada no uso. **Língua e instrumentos linguísticos**, v. 42, p. 175-201, 2018.
- SÉ, J. C. S.; PEZATTI, E. G. Funções interacionais na sala de aula: da subordinação adverbial à subordinação discursiva. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Anáfora e correferência: temas, teorias e métodos**, n. 49, p. 275-292, 2014.
- SILVA, A. G. **Orações modais**: uma proposta de análise. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2007.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University press, 2005.
- VIEIRA, C. A arquitetura construcional do que nem na língua portuguesa: uma relação entre uso, cognição e (inter)subjetividade. **Repositório Digital do PPGLin de Teses e Dissertações**, Vitória da Conquista, v.8, p. 1-124, 2020. DOI: <https://doi.org/10.54221/rtdppglinuesb.2020.v8i1.187>
- VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A arquitetura construcional do que nem na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 37, p. 246-271, jan. 2019.
- VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A confluência entre o Funcionalismo e a Gramática de Construções: um estudo sobre as construções comparativas no Português Brasileiro (The confluence between Functionalism and Construction Grammar: a study on comparative constructions in Brazilian Portuguese). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 5-24, 2020. DOI: 10.22481/el.v18i1.6048. Disponível em:

A ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA CONFORMIDADE EM PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA QUE NEM COMO PAREAMENTO
DE FORMA E FUNÇÃO CONFORMATIVA
Caio Aguiar Vieira

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6048> . Acesso em: 3 set. 2023.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A emergência de domínio funcional e a abordagem construcional da gramática. **Revista Odisseia**, v. 4, n. Esp., p. p. 41 - 61, 22 nov. 2019.

Informações dos autores

Caio Aguiar Vieira. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Bahia (IFBA) campus Vitória da Conquista. Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo-CNPQ, Grupo Janus.

Contribuição de autoria: autor

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7096769918836144>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIEIRA, Caio Aguiar. A abordagem cognitivo-funcional da conformidade em português: uma análise da construção conectora que nem como pareamento de forma e função conformativa. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 6, n. 11, 2023, p. 161-181.